

GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 16, pp. 111 - 124, 2004

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E O EMPRESARIAMENTO URBANO: O CASO DE BARCELONA E SEU FÓRUM DAS CULTURAS DE 2004¹

Adriano Botelho*

RESUMO:

O presente artigo tem como tema o processo de produção do espaço como um elemento essencial para a reprodução do capital, tendo por objetivo demonstrar a relação existente entre práticas de gestão das cidades e de urbanismo com a dinamização da acumulação capitalista. Assim, considera-se a passagem do gerenciamento ao empresariamento urbano como uma resposta no âmbito do urbanismo à crise econômica da década de 1970 e às mudanças nas estratégias de acumulação capitalista para fazer frente a essa crise. O chamado "modelo Barcelona" é analisado sob essa perspectiva, destacando-se o caso do Fórum das Culturas 2004.

PALAVRAS-CHAVE:

Produção do espaço, urbanismo, empresariamento, modelo Barcelona, Fórum das Culturas.

ABSTRACT:

The theme of the present article is the process of production of space as an essential element to the reproduction of capital, with the aim to demonstrate the relationship between the city administration and urbanism practices and the dinamization of the capitalist accumulation. So, the passage from the managerialism to the entrepreneurialism is considered as an answer of the urbanism to the economic crisis of the 70's and to the changes in the strategies of capitalist accumulation in response of this crisis. The so-called "Barcelona model" is analyzed under this perspective, detaching the case of the Fórum das Culturas 2004.

KEY WORDS:

Production of space, urbanism, entrepreneurialism, Barcelona model, Fórum das Culturas.

I - Introdução

O presente artigo tem como objetivo a análise de algumas práticas de gestão das cidades e de projetos de "renovação" urbana, destacando o caso do Fórum das Culturas realizado em 2004 na cidade de Barcelona. Pretende-se, dessa forma, demonstrar a importância adquirida pelo espaço para a acumulação de capital e reprodução do modo de produção capitalista contemporâneo subjacente às ações do poder público e da iniciativa privada no âmbito urbano.

Partindo das formulações de Marx em seu "Capítulo VI Inédito de O Capital", admite-se que o modo de produção capitalista ao se reproduzir, o faz em uma escala cada vez mais ampliada, abarcando novos setores de produção, novas relações e novas esferas da vida. Coube a Henri Lefebvre destacar a "dominação" do espaço por esse processo de reprodução capitalista em meados dos anos 60 e sua crescente importância nas estratégias de acumulação capitalista (LEFEBVRE, 1999). A produção do espaço envolveria um crescente volume de

* Aluno de Doutorado do Programa de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo-USP

capitais, sendo característica da fase do chamado capital monopolista. A produção monopolista do espaço envolveria, além de grandes quantidades de capital financeiro aplicado no setor imobiliário sob diversas formas, a utilização, por parte dos promotores imobiliários de grandes áreas para a construção de “megaprojetos” (centros empresariais, shopping centers, condomínios residenciais), a crescente participação do Estado para a concretização desses empreendimentos, além da produção de espaços cada vez mais segregadores e com poucas áreas públicas, sendo predominantes as áreas privadas de consumo coletivo.

De forma mais abrangente, a produção e o consumo do espaço, assim como o processo de urbanização, estão inseridos no amplo processo de reprodução das relações de produção capitalistas, na medida em que a produção e o consumo do espaço e o processo de urbanização são guiados pelos ditames da propriedade privada e são regulados pelas necessidades do capital de gerar valor excedente. Segundo Lefebvre, “não é somente a sociedade inteira quem se torna o lugar da reprodução (das relações de produção e não somente dos meios de produção), mas é o espaço inteiro. Ocupado pelo neocapitalismo, setorizado, reduzido a um meio homogêneo e, entretanto, fragmentado, esmigalhado (somente migalhas do espaço são vendidas a “clientelas”), o espaço se torna a sede do poder” (LEFEBVRE, 1973, p. 116). Ainda para Lefebvre, complementando a idéia anterior, “o espaço arquitetônico e urbanístico, quando responde à encomenda social [commande sociale], aquela dos “promotores” e aquela dos “poderes”, contribui então ativa e abertamente para a reprodução das relações sociais. É o espaço programado” (LEFEBVRE, 1973, p. 122).

Na sociedade capitalista, o circuito do imobiliário tem sido durante muito tempo um setor subalterno, subsidiário, e paulatinamente se foi convertendo em um setor paralelo, destinado a inserir-se no circuito de reprodução capitalista, podendo, inclusive, tornar-se o setor principal se o circuito de reprodução capitalista baseado na “produção-consumo” se vê interrompido. Assim, os capitais buscariam um

circuito secundário (LEFEBVRE, 1976), baseado na mercantilização da terra e do habitat, anexo com respeito ao circuito normal do capital (produção-consumo de mercadorias), como setor compensatório da reprodução capitalista.

Dessa forma, deve-se destacar o uso do urbanismo como uma estratégia de manutenção dos ganhos da classe capitalista, que mascararia a situação do capitalismo na atual fase histórica com relação à importância do “imobiliário” para a reprodução das relações capitalistas de produção, e encobriria as operações realizadas pelo setor público como forma de auxílio a essa reprodução (LEFEBVRE, 1999). No presente artigo, se analisa o papel do urbanismo e da gestão urbana como instrumentos de resposta à crise capitalista iniciada na década de 1970 e aos processos de reestruturação do modo de produção capitalista, que envolveriam uma maior flexibilidade e fluidez do capital, redução dos postos de trabalho na indústria em cidades industriais tradicionais, adoção de idéias neoliberais como modelo de conduta hegemônico para a administração pública etc.

O artigo está composto de quatro partes, além desta introdução. Na primeira, se apresenta alguns elementos teóricos sobre os novos modelos de gestão urbana em voga, buscando explicar suas origens e suas principais características. Na segunda parte, é analisado o caso específico de Barcelona, com seu famoso modelo de gestão urbana. Na terceira parte, destaca-se o projeto de renovação urbana que envolve o chamado Fórum das Culturas e a polêmica local em torno desse evento. E as considerações finais constituem a quarta e última parte do artigo.

II - Crise urbana: em direção ao empresariamento

O modo de produção capitalista passou, nas últimas décadas do século XX, por um processo de reestruturação econômica-produtiva e financeira. Surgiram, então, novas estratégias de produção e reprodução do valor em todas as escalas e níveis econômicos por parte dos agentes interessados frente à crise

do capitalismo dos anos 70. O conjunto de mudanças observadas na atividade econômica do modo de produção capitalista contemporâneo faz parte da resposta tradicional encontrada pelo capital para sair da crise através do rebaixamento do valor correspondente à força de trabalho e do uso intensivo de novas tecnologias e estratégias de acumulação (revolucionando os meios de produção). E a resposta à crise geral do capitalismo teve seu correspondente nas políticas urbanas e no próprio urbanismo a partir da década de 1980 (HALL, 1996; HARVEY, 1996).

A crise da sociedade é também uma crise da cidade (INDOVINA, 1982), crise essa que se expressou de distintas maneiras a partir de meados dos anos 70 em distintas cidades do mundo capitalista: crise financeira e econômica dos poderes públicos municipais, crise de "funcionamento" da cidade (transportes, limpeza urbana, serviços sanitários etc.), crise da gestão política. Em resposta a esse conjunto de crises, novas formas de gestão e planejamento urbano foram colocadas em prática a partir da década de 1980 em algumas cidades afetadas pela crise (Barcelona, Nova York, Baltimore, Los Angeles, Boston etc.), transformando-se rapidamente em modelos mundiais "de boa gestão" a serem adotados pelas demais cidades (como é o caso do chamado "modelo Barcelona").

Frente à crise econômica, o planejamento urbano e o urbanismo adquirem uma nova função, diferente da mera regulamentação do setor privado. Trata-se da promoção do crescimento econômico, de uma ação empresarial para a atração de investimentos que dinamizem a economia local, como os de setores de alta tecnologia e de serviços, dado que as cidades de forte tradição industrial sofreram um relativo processo de desindustrialização, e forte enxugamento dos postos de trabalho industriais em decorrência dos processos de reestruturação produtiva, tendo, assim, que redefinir seu papel econômico. Essas cidades buscaram, então, produzir uma imagem renovada de si mesmas,

dentro da lógica de competição interurbana para atrair investimentos. Assim, a reconstrução da cidade, o desenho de novos espaços ou a remodelação de determinados setores, não só transformam fisicamente a cidade, mas também podem chegar a formar parte de uma imagem renovada da cidade, e converter-se em símbolo de sua "renovação" (BENACH, 2000).

A essa postura dos poderes públicos municipais David Harvey chama de passagem do gerenciamento urbano para o empresariamento (HARVEY, 1996, p. 50). Dentre os fatores que podem explicar a opção pelo empresariamento por parte dos governos locais com distintas conotações políticas, pode-se citar: desindustrialização, desemprego, austeridade fiscal, neoconservadorismo, forte apelo à racionalidade do mercado e da privatização, declínio do Estado-Nação no controle do fluxo monetário multinacional, de maneira que os investimentos tomam cada vez mais a forma de uma negociação entre o capital financeiro internacional e os poderes locais, os quais fazem o melhor possível para maximizar a atratividade local para o desenvolvimento capitalista.

Segundo Harvey (1996), com a diminuição dos custos de transporte e a conseqüente redução nas barreiras espaciais à circulação de bens, pessoas, dinheiro e informação no último terço do século XX, a importância da qualidade do espaço passou a ser realçada e o vigor da competição interurbana para o desenvolvimento capitalista (investimento, emprego, turismo etc.) foi fortalecido. E a tarefa da administração urbana consistiria, assim, em atrair para seu espaço uma produção altamente móvel e flexível, além de fluxos financeiros e de consumo (entre eles, o consumo turístico).

Dessa forma, os administradores públicos além de atuarem no sentido de facilitar os investimentos privados no âmbito local, também buscam uma maior competitividade internacional explorando vantagens locais, reforçando o grau de atração da cidade pela elevação da qualidade de vida (melhora do meio físico, cultural, lúdico etc.), e sobretudo, difundindo-a publicitariamente através do city marketing (BENACH & TELLO, no prelo, p. 4).

O novo empresariamento urbano se caracterizaria, principalmente, pela parceria público-privada, tendo como objetivo político e econômico imediato muito mais o investimento e o crescimento econômico através de empreendimentos imobiliários pontuais e especulativos do que a melhoria das condições em um âmbito específico (HARVEY, 1996, p. 53). Dentre esses empreendimentos, destacam-se as renovações das frentes marítimas, portos, centros históricos e também os grandes eventos internacionais (Jogos Olímpicos, Exposições Universais, Congressos Internacionais etc.), como também parques temáticos de ócio e comércio, parques empresariais e de serviços para empresas, zonas logísticas, condomínios fechados, campus universitários, centros médicos, centros de convenções, recintos de feiras etc.

Como exemplos já clássicos da parceria público-privada bem sucedida tem-se o caso de Baltimore, com a renovação de sua frente marítima (Harborplace), Boston (Quincy Market) e Barcelona, com seus projetos de renovação da frente marítima (Port Vell) e de seu centro histórico, bem como as Docklands de Londres e Porto Madero em Buenos Aires, com a renovação dos portos fluviais. Segundo Peter Hall, trata-se da criação da cidade como cenário, esterilizada, livre de contradições e do perigo, com ruas restauradas e yuppieficadas, transformando-se "num espaço urbano imaginário de um filme da Disney" (HALL, 1996, p. 361).

A denominada colaboração público-privada encobriria o fato de que os governos municipais, estaduais e federais continuam investindo grandes somas na cidade, só que agora a partir de uma lógica empresarial e especulativa, cujos custos são compartilhados pelos contribuintes e os benefícios são apropriados privadamente pelos promotores associados aos projetos de renovação urbana. E se os projetos fracassam em termos financeiros, o Estado é chamado a pagar a conta (como foi o caso das Docklands em Londres).

Colaboração público-privada, a ênfase nos Projetos Estratégicos, o city marketing, atração de investimentos em serviços, transformação da cidade em lugar de consumo ao invés de lugar de produção são algumas das estratégias que o poder público local busca para dinamizar a economia frente a um contexto internacional cada vez mais instável e competitivo. Barcelona é considerada uma cidade de ponta na adoção de estratégias de renovação urbana e de formação de uma imagem positiva frente ao resto do mundo. A seguir são apresentadas algumas das características do chamado "modelo Barcelona", analisando mais cuidadosamente o último grande projeto urbanístico da cidade, o Fórum das Culturas.

III - O modelo Barcelona e suas contradições

O objetivo desta parte não é uma descrição exaustiva do que seria o chamado "modelo Barcelona" ou da gestão urbanística realizada nessa cidade. O que se busca é analisar um caso de como a produção do espaço e a administração urbana tornam-se um elemento fundamental para as estratégias de acumulação de capital.

Com o processo de realocação industrial e fechamento de importantes empresas do setor secundário em Barcelona a partir da década de 1980 (CARRERAS, 1993), o poder público local buscou, dentro da citada lógica do empresariamento, transformar a cidade em centro terciário, de direção, de pesquisa e desenvolvimento científicos e de atração turística. Para tanto, era necessário adaptar a infra-estrutura local para as novas exigências do capital fluido e flexível. Ao mesmo tempo, o poder político local desenvolveu uma série de ações em nível urbanístico, com o objetivo de valorizar a periferia através de sua monumentalização (criação de espaços públicos com obras de arte e com alto nível de desenho arquitetônico) e de recuperar o centro histórico como local de atração turística, atividades culturais e terciárias, melhorando a imagem da cidade no cenário internacional.

A experiência da administração de Barcelona a partir da vitória do Partido dos Socialistas de Catalunha nas eleições municipais de 1979 teve gradualmente uma mudança de escala em sua evolução histórica até o momento: da pequena atuação à grande intervenção; e também ocorreu uma evolução do "projeto simples monográfico" - uma praça, um parque, uma escola -, ao "projeto complexo" - um conjunto de rua, edifício e zona verde com gestão integrada - e finalmente ao "projeto público-privado", assegurando o compromisso da iniciativa privada em operações de alcance público (BUSQUETS, 1992).

As ações do urbanismo barcelonês giraram em torno de dois eixos principais: a criação de espaços públicos, e as grandes operações urbanísticas relacionadas com grandes eventos (Jogos Olímpicos de 1992, Fórum das Culturas de 2004), que incluem uma nova infra-estrutura de comunicações, como cinturões de vias expressas, aeroporto, torres de telecomunicações etc. (BENACH, 1993; MONCLÚS, 2003). E, com relação ao planejamento, a idéia de abordar os problemas urbanos através de projetos específicos, especialmente de recuperação do espaço público e equipamentos torna-se dominante.

Em Barcelona se levaram a cabo numerosas operações de renovação e melhoria urbana na área central e, em certas áreas da periferia. Exemplo dessas operações seria a construção do Museu de Arte Contemporânea (MACBA) na área central e a abertura de um amplo espaço ao seu redor em uma área degradada do centro da cidade, revalorizando-o. Com relação ao urbanismo estratégico impulsionado pelos grandes eventos, também se pode dizer que Barcelona se situa em um dos postos mais altos do ranking internacional (MONCLÚS, 2003).

A "revitalização" da cidade passou pela renovação social de diversos setores da cidade (frente marítimo com a Vila Olímpica; Poblenou, antigo bairro industrial, em parte transformado em distrito para empresas de Tecnologia e Comunicações, chamado de 22@, e em centro de atividades hoteleiras, comerciais e de

convenções; a área do Fórum das Culturas; áreas do centro histórico), pela renovação cultural (com a construção de museus e centros culturais), pela melhora do meio construído, pela construção de novos espaços de consumo e de lazer, e também, por uma imagem capaz de incluir tudo isso (BENACH, 2003). Reforçar a capacidade de atração da cidade como centro cultural, comercial e turístico constitui precisamente uma das principais linhas estratégicas de desenvolvimento da cidade (Idem).

A administração de Barcelona teve êxito em propagar uma imagem positiva de suas políticas urbanas implementadas, que contou com amplo reconhecimento internacional, como o prêmio Príncipe de Gales de Desenho Urbano outorgado pela Universidade de Harvard em 1987 e a medalha de ouro concedida pelo RIBA - a ordem britânica de arquitetos - aos políticos e arquitetos da administração barcelonesa em 1999.

Assim, a experiência de Barcelona, a converteu em uma espécie de referencial e modelo, sobretudo para as administrações municipais e para os urbanistas de outras cidades européias e latino-americanas (MONCLÚS, 2003). Porém, podemos questionar se Barcelona seria um exemplo único em um contexto europeu e norte-americano dominado pelo empresariamento. A questão é que os responsáveis pelo seu urbanismo foram muito hábeis em divulgar a imagem da cidade e as suas realizações: serviços de consultoria prestados por técnicos e políticos da administração de Barcelona para municípios da América Latina, publicações editadas pelo Banco Mundial divulgando o modelo (a cargo de Jordi Borja) e relatórios redigidos por Jordi Borja e Manuel Castells para a Conferência Habitat II em Istambul, onde se apresentavam as virtudes do modelo, assessoria para grandes projetos urbanos (como o de Porto Madero em Buenos Aires), entre outros, formaram uma base de marketing muito poderosa para a divulgação da imagem de uma administração eficiente e de uma cidade bem sucedida e harmônica.

O êxito da formação da imagem de Barcelona possui também outra motivação: a busca da coesão social interna que minimize as resistências aos projetos de renovação urbana que podem afetar os seus habitantes (BENACH, 1993). Busca-se, através do discurso, corresponsabilizar a todos os moradores pelo projeto de cidade, mobilizando-os em torno de projetos "comuns" (Jogos Olímpicos, Fórum das Culturas, promoção turística da cidade etc.).

Mas, com relação ao êxito da administração da cidade como promotora do crescimento econômico, da atração de investimentos em serviços e em setores de alta tecnologia, bem como da resolução de seus problemas sociais, alguns problemas podem ser detectados. Não se trata de desmerecer os êxitos da administração local, mas sim mostrar que o "modelo" vendido não está livre de contradições.

Com relação à posição de Barcelona como "metrópole polarizadora" de uma região ou como "cidade global", estudos realizados ao longo da década de 1990 classificaram a cidade como pertencente à terceira ordem no cenário europeu. Segundo o Boston Consulting Group, o investimento estrangeiro direto de alto conteúdo tecnológico se concentraria em Madri em detrimento da Catalunha (UTE, 2004), e segundo estudo da Câmara de Comércio de Barcelona de 2003, Madri possui 266 das 500 maiores empresas da Espanha, enquanto que esse número seria de 109 para Catalunha (UTE, 2004). Quanto às bases de gestão das maiores empresas espanholas (Banesto, BBV, Gás Natural, Repsol YPF, Grupo Santander etc.), cerca de 90% destas estão localizadas em Madrid. Ou seja, em termos de atração de sedes de empresas e de investimentos, Barcelona estaria atrás de Madri em uma posição que não corresponderia às intenções do poder político local.

Outra contradição constatada no projeto de renovação de Barcelona e de sua área metropolitana, é a de que, apesar da criação de espaços públicos de qualidade, há uma profusão de desinvestimentos e fechamentos

de indústrias, realocação das atividades econômicas no território e deslocamento da população de certas áreas. A renovação estaria a serviço dos negócios, o que requer um incremento na dotação de recursos públicos diretamente produtivos (infra-estruturas, centros de pesquisa e desenvolvimento) e um retrocesso da parte dedicada ao capital público social (saúde, educação, moradia) (UTE, 2004).

Outro ponto negativo do "modelo" seria a polarização de atividades entre a cidade de Barcelona e seu entorno metropolitano, concentrando-se na primeira os profissionais liberais, diretores, pessoal técnico, administrativo e comercial, enquanto que no âmbito metropolitano prevaleceriam os trabalhadores manuais da indústria, da construção e dos serviços (UTE, 2004). Essa situação estaria relacionada também com o processo de declínio e/ou estagnação da população residente no município barcelonês, com o aumento da população residente nos municípios de seu entorno metropolitano, mas que muitas vezes trabalha em Barcelona, o que pode ser verificado pelo aumento no número de deslocamentos entre a cidade e os municípios do entorno entre 1991 e 2001 (MONCLÚS, 2003). Desde a década de 1980, a cidade de Barcelona começou a perder habitantes em valores absolutos passando de cerca de 1.750.000 em 1975 até aproximadamente 1.500.000 habitantes em 1996 (BENACH & TELLO, no prelo). Isso significa que Barcelona está sofrendo um processo de envelhecimento, já que majoritariamente seriam os jovens que sairiam da cidade em busca de moradia mais barata no entorno metropolitano (BARRIO, 1998).

E também é a Região Metropolitana de Barcelona que concentra a pobreza: 70% da população com grandes dificuldades econômicas, composta por lares chefiados por mulheres, por aposentados e por jovens que não conseguem a independência, ou seja, formar um lar independente (UTE, 2004). Dessa forma, o problema da segregação sócio-espacial também está presente em Barcelona, bem como a formação de um aglomerado urbano disperso

a partir do núcleo central da cidade em direção ao seu entorno metropolitano, com grandes custos sociais, econômicos e ambientais.

O problema habitacional é um componente importante na realidade de Barcelona, sendo considerado um dos pontos fracos do "modelo". Em 1996, a média de valor real do metro quadrado da habitação em Barcelona era 33% superior ao de 1975 (PLA, 1998, p. 34). Ao mesmo tempo em que Barcelona "expulsa" parte de sua população, um novo fluxo de população de condições econômicas e legais extremamente precárias faz sua aparição na cidade, são os imigrantes "extra-comunitários" (paquistaneses, marroquinos, filipinos, chineses, equatorianos, colombianos etc.). A população imigrante representava em 2003, 10,7% da população total barcelonesa. Dessa forma:

"o processo de renovação urbana de Barcelona, se bem que possa parecer muito dinâmico e rápido, não o é suficientemente para impedir o assentamento de uma população imigrante, com dificuldades de encontrar trabalho, escassas possibilidades de pagar uma moradia digna e poucas probabilidades de legalizar a sua situação. Esta população só encontra alojamento nos espaços mais degradados da cidade, localizados nos interstícios que deixam as áreas de renovação urbana e, sobretudo, nos arredores imediatos dos espaços recentemente renovados, onde a iniciativa privada ainda não tenha feito a sua aparição" (BENACH & TELLO, no prelo, p. 18).

O setor da construção, por sua vez, beneficiou-se enormemente dessa postura empreendedora do poder local, seja através da produção de infra-estruturas de comunicações e transportes (como foi o caso dos Jogos Olímpicos e do Fórum das Culturas), das ações de revalorização de áreas degradadas do centro e do antigo porto (Port Vell) e da produção de infra-estrutura turística e de edifícios de alto padrão em áreas renovadas (como a área próxima ao Fórum).

E, por fim, outra crítica que pode ser feita ao "modelo" é com relação à parceria público-privada, que por sua aparência neutra de cooperação ("cumplicidade social" segundo J. Raventós, autor de uma publicação semi-oficial sobre o "modelo"), muitas vezes esconde fortes interesses imobiliários e de especulação. A aparência e o discurso oficial propagam a idéia de que o setor público dirige as ações com os recursos da iniciativa privada. Mas na prática, exatamente o inverso parece ocorrer.

Isso se passou com os Jogos Olímpicos de 1992: o Poder Municipal de Barcelona prometeu um grande número de moradias de proteção social em decorrência da construção das vilas olímpicas. Assim sendo, o poder local realizou um grande número de facilidades para a construção das moradias por parte dos promotores privados. Porém, uma vez concluídas e tendo em vista sua rápida valorização, o interesse dos promotores imobiliários fez com que apenas um número simbólico de moradias fosse classificada como de proteção social, ou seja, vendidas ou alugadas a preços baixos para a população de menores rendimentos (RAVENTÓS, 2000). A grande parte das moradias foi colocada no mercado, livres de qualquer regulamentação e sem a concorrência das moradias mais baratas prometidas pelo Poder Municipal, o que poderia ter baixado o preço geral da habitação num contexto de forte especulação.

O projeto Olímpico de 1992 também esteve permeado de interesses de indústrias que possuíam terrenos obsoletos nas proximidades do Port Vell, e que foram expropriadas a bom preço pelo poder local (MORENO & MONTALBÁN, 1991) para a realização das obras olímpicas de infra-estrutura, moradia e renovação urbana, como a própria área do porto antigo, renovada e revalorizada como local de lazer e turismo. Muitas das empresas expropriadas foram doadoras de recursos a fundo perdido para o "esforço olímpico" (ou seja, para a nomeação de Barcelona em 1986 como sede dos jogos). Fato muito parecido ocorrerá alguns anos mais tarde com o outro evento de âmbito mundial

preparado pelo poder local conjuntamente com a iniciativa privada: o Fórum das Culturas, realizado de maio a setembro de 2004, e que será objeto da próxima parte do artigo.

IV - O Fórum das Culturas, o mais recente ato do modelo Barcelona.

Na década de 1990, sendo ainda prefeito de Barcelona Pasqual Maragall, após o êxito dos Jogos Olímpicos, cogitou a possibilidade de se celebrar uma Exposição Universal na cidade em 2004. Com a impossibilidade de concretização da Exposição, devido ao órgão que regula este tipo de evento já ter concedido a sede para outra cidade, surgiu a idéia entre a administração local de se fazer um Fórum Internacional das Culturas, que obteve o apoio da UNESCO. Essa oportunidade permitiria a última remodelação de grande escala do litoral barcelonês (RUPÉREZ, 2004).

Em 9 de maio foi inaugurado o Fórum Barcelona 2004, ou Fórum das Culturas, um grande evento com pretensões mundiais, que se estenderá até fins de setembro deste ano, cujo tema principal é a tolerância e a paz entre as distintas culturas do planeta, além do uso sustentável dos recursos naturais e a promoção do diálogo entre os povos. Trata-se de um grande investimento feito pela administração pública barcelonesa que, conjugada com a intensa propaganda oficial do evento, não pôde passar inadvertido pelos habitantes de Barcelona e de outras cidades da Espanha, da Europa e do mundo. Mas poucas pessoas poderiam dizer com precisão do que se trata o Fórum.

Segundo Oriol Bohigas, importante figura entre os arquitetos que foram responsáveis pela formulação do "modelo Barcelona", e uma das pessoas mais indicadas para dar uma resposta à questão, o Fórum das Culturas de 2004 representa uma mudança com relação aos eventos anteriores. Durante as Exposições Universais sediadas em Barcelona em 1888 e 1929, e com os Jogos Olímpicos, o urbanismo e os projetos urbanísticos da cidade se

orientaram pelo conteúdo desses eventos. Com o Fórum, porém, o objetivo direto é um projeto urbano para o qual se busca um conteúdo novo. Nas suas palavras:

"Agora, parece que os novos projetos urbanos já não necessitam apoiar-se em acontecimentos extraordinários. Importa menos o conteúdo do Fórum 2004 porque, se não se resolvem suas dúvidas, será simplesmente o ato de inauguração de um novo bairro marítimo de Barcelona, um novo centro metropolitano" (BOHIGAS, 2004, p. 35).

O trecho acima bem expressa o sentido dado ao Fórum 2004: o de ser um novo capítulo na história do urbanismo e da produção de um novo espaço de Barcelona, mais do que um evento com algo de significativo para apresentar ao mundo. É também mais uma forma de divulgar a imagem da cidade, e de um grupo de empresas multinacionais (ENDESA, Nestlé, INDRA, La Caixa, Telefónica etc.), só que agora se baseando em conceitos tão nobres como vago: a paz, a tolerância, a sustentabilidade e o diálogo.

Como operação urbanística, o Fórum faz parte da revalorização de uma área tradicionalmente industrial e de moradias de população trabalhadora (Poblenou, Diagonal Mar, Maresme e Sudoeste de Besós), bem como uma área sujeita a forte degradação ambiental devido à presença de uma central de energia e de um depuradora de resíduos próximas à foz do rio Besós, transformando-as em mais um espaço de nova centralidade de gestão empresarial e de serviços de Barcelona (Diagonal-Mar). Trata-se também da continuação da revalorização da costa barcelonesa, com a construção de 11 hotéis (dois em frente ao centro de convenções), três centros de escritórios e torres residenciais (complexo Lluïl-Taulat), um majestoso centro de convenções com capacidade para 15.000 pessoas, a construção de uma central fotovoltaica, a habilitação de um porto esportivo e de área de banhos e um imenso recinto

interno ao Fórum para atividades (lúdicas) e um Edifício Fórum, orçado em 72 milhões de euros. Estima-se que até o fim do Fórum, com todas as intervenções urbanísticas terminadas, terão sido investidos 3.260 milhões de euros. Desse total, aproximadamente 58% terão sido

aportados pelas administrações públicas de distintas esferas de poder, e 42% pelos operadores privados (La Vanguardia, 01/05/2004). Porém, em notícia de 21 de junho de 2004, estimava-se que as obras do Fórum custariam mais de 60% do previsto inicialmente (Metro Directe, 21/06/2004).

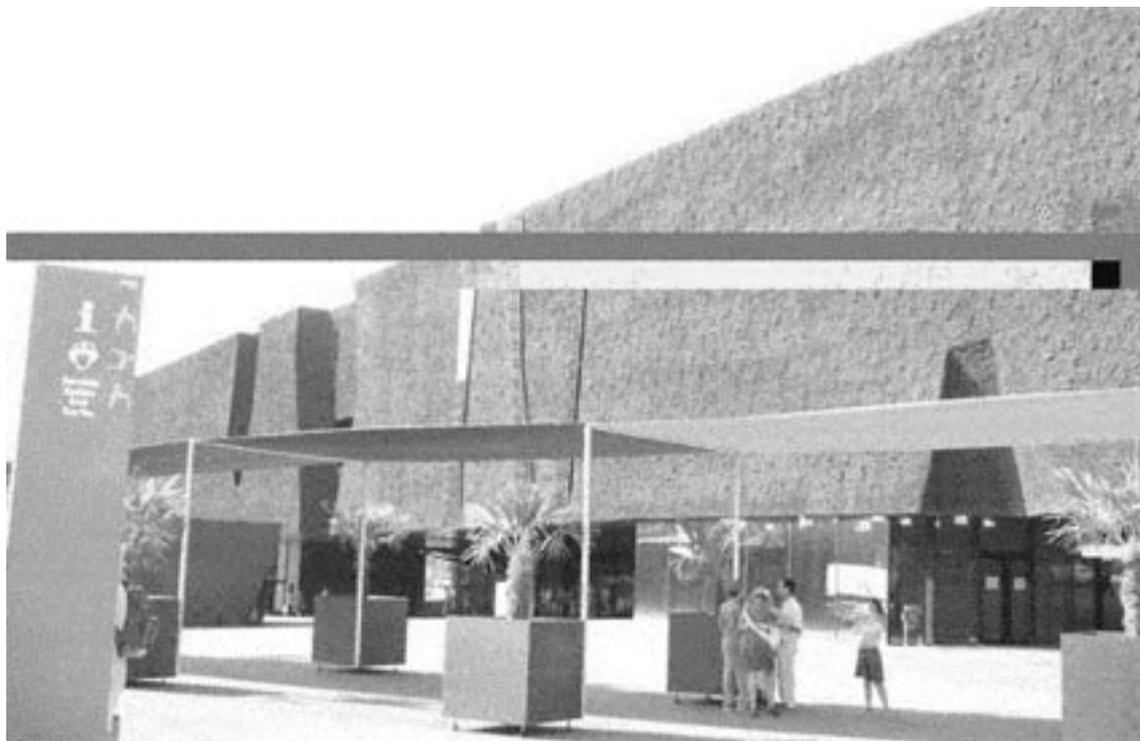


Na parte leste da figura, junto ao mar, encontra-se a desembocadura do rio Besós, área do Fórum.

Fonte: http://www.bcn.es/urbanisme/model/expo/catala/lseu_z.htm#3.

Longe de despertar o mesmo entusiasmo que os Jogos Olímpicos, o Fórum foi motivo de expressão de duras críticas, revelando que a coesão social buscada durante as últimas décadas poderia estar sendo minada pelas próprias contradições do modelo. Jovens sem acesso ao emprego formal e à moradia, e que optam pela ocupação de imóveis vazios (os okupas), imigrantes ilegais (sem documentos),

minorias com pouco acesso aos direitos sociais (como os ciganos), intelectuais, grupos de arquitetos fazem ouvir suas vozes através de atos que mostram uma certa fratura no modelo. Questiona-se o conteúdo do Fórum, as estreitas relações de sua organização e patrocínio com empresas multinacionais e com os interesses privados, incluindo os imobiliários, e também a espetacularização de Barcelona.



Edifício do Fórum, foto do autor, 30/06/2004.

Uma crítica feita do ponto de vista de associações de moradores dos distintos bairros de Barcelona é a canalização de recursos de toda a cidade em um ponto único, representando a valorização imobiliária de uma área privatizada, a parte final da avenida Diagonal Mar. Essa crítica vai ao ponto chave do tema do presente artigo: trata-se da produção de um espaço a serviço da acumulação capitalista e não de um simples projeto urbanístico que visa renovar uma parte da cidade. Em pouco mais de um ano os preços das moradias de segunda-mão encareceram em mais de 50% nas áreas próximas ao Fórum (FERNÁNDEZ & ANDREU, 2004). E, como consequência deste processo de valorização, espera-se que a população trabalhadora, tradicional residente da área, tenha de

transferir-se, em decorrência do aumento do preço dos aluguéis e do custo de vida.

Pode-se comprovar a idéia de que o Fórum seja somente um pretexto para valorizar a área em benefício da acumulação de capital, levando-se em conta os interesses envolvidos na área de construção do evento e de sua infraestrutura. Do total de investimentos destinados ao Fórum e seus equipamentos, apenas 95 milhões de euros serão destinados ao bairro La Mina, tradicional área degradada da cidade (conhecida como o "Bronx" de Barcelona), onde muitas famílias residentes vivem em péssimas condições de moradia e com poucos recursos econômicos. Além disso, o espaço do Fórum e seus equipamentos correspondentes foram construídos praticamente de costas para essa área, servindo, junto com a linha do novo tram



Área próxima ao Fórum, com intenso processo de verticalização, foto do autor, 30/06/2004.

[espécie de bonde sem fios], como um muro, isolando La Mina da nova área de valorização da Diagonal Mar.

A avenida Diagonal Mar, eixo da valorização do espaço e da especulação imobiliária da área, por sua vez, foi construída sobre terrenos que o Plano Geral Metropolitano de 1976 qualificava como área destinada a equipamentos e a um grande parque. A administração municipal, porém, atendeu aos interesses privados e permitiu um maior coeficiente de edificabilidade na área e permitiu também que os edifícios se situassem dentro do parque projetado, dentro da lógica da parceria público-privado (MAPA D'ACCIÓ, 2004). Nessa avenida também se encontra um importante centro comercial (Diagonal Mar) e edifícios de apartamentos para uma população de elevados rendimentos.

Por fim, cabe notar que algumas das imobiliárias atuantes em Poblenou e Diagonal

Mar são filiais de grandes grupos patrocinadores do Fórum, que se beneficiaram enormemente com a construção da infra-estrutura no local e com o projeto de renovação urbana, como, por exemplo, a Imobiliária Colonial, a PROMINMO e a SERVIHABITAT que são parte do grupo La Caixa, um dos principais patrocinadores do evento.

V - Considerações finais

O chamado "modelo Barcelona" foi construído ao longo do processo de redemocratização política da Espanha, no qual as associações de moradores tiveram importante papel em âmbito municipal, já que eram a principal forma de resistência à ditadura durante a década de 1970. E também recebeu um importante impacto resultante da integração espanhola à atual União Européia na década de 1980, que contou, inclusive, com importantes



Vista de La Mina a partir do recinto do Fórum, foto do autor, 30/06/2004.

aportes de recursos dessa instituição para o investimento em cidades. Assim, trata-se de um processo que foi influenciado pelas conjunturas e estruturas político-econômico-sociais da Espanha ao longo das décadas de 1970 a 1990, e que não pode ser transposto simplesmente para outras realidades, sem debates e adaptações. Não é um produto que possa ser vendido, como está sendo feito, através da consultoria urbanística.

Apesar de reconhecermos que algumas das idéias e ações realizadas pela administração de Barcelona possam servir para ajudar a resolver alguns problemas existentes em outras cidades do mundo, pensamos que não se pode tomar acriticamente receitas prontas para a "solução" dos problemas urbanos. Isso teria como resultado lançar mais um véu sobre as relações entre a acumulação capitalista / reprodução do modo de produção capitalista e o espaço, entre a especulação imobiliária e o urbanismo. Pois, o objetivo do urbanismo ligado ao empresariamento é a dinamização do capitalismo e não a tentativa de resolução dos

problemas enfrentados pela maioria dos moradores das cidades.

O "modelo Barcelona" não está livre de contradições, como visto no presente artigo. A população mais pobre muitas vezes está à mercê da especulação imobiliária, a produção habitacional está aquém das necessidades de seus habitantes (principalmente jovens e aposentados), o processo de expansão horizontal da cidade está levando à perda de sua caracterização como "metrópole mediterrânea compacta" e a uma crescente polarização e segregação sócio-espacial, há minorias, imigrantes e jovens que não conseguem integrar-se economicamente devido à falta de empregos ou à precarização do trabalho, os empregos gerados no setor terciário muitas vezes não são suficientes para compensar a perda de postos de trabalho no setor industrial etc.

O Fórum das Culturas, pode ser interpretado, então, como mais um exemplo das íntimas relações entre a produção do espaço e a acumulação capitalista, medidas pelos



Avenida Diagonal Mar, próxima ao distrito 22@, foto do autor, 27/05/2004.

projetos urbanísticos, que em nome do consenso e da coesão social, e sob a aparência da colaboração público-privada, beneficiam o

grande capital em geral, e o capital imobiliário, em particular.

Notas

¹ Esse artigo é fruto do estágio realizado por quatro meses na Universidade de Barcelona (abril-julho), a partir de um convênio existente entre os

Programas de Pós Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo e da Universidade de Barcelona, financiado pela CAPES .

Bibliografia

BENACH, Nuria. "Producción de imagen en la Barcelona del 92", in Estudios Geográficos, n. LIV, Madrid, 1993, p. 483-505.

_____. "Nuevos espacios de consumo y construcción de imagen de la ciudad en Barcelona", in Estudios Geográficos, n. LXI, Madrid, 2000, p. 189-205.

BENACH, Nuria y TELLO, Rosa. "En los intersticios de la renovación. Estrategias de transformación del espacio y flujos de población en Barcelona", in Revista de Geografía, Barcelona, no prelo, 27 p.

BARRIO, Germán Pérez. "Las alternativas de las nuevas familias en el mercado de la vivienda",

in Verés, Ricard (ed). El precio de la vivienda y la formación del hogar. Barcelona: Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 1998, p. 47-58.

BOHIGAS, Oriol. "Barcelona: Urban Change, Planning and Events", in The 11th International Planning History conference 2004 – Planning Models and the Culture of City, Barcelona, 2004, p. 35–43.

BUSQUETS, Joan. Barcelona. Evolución urbanística de una capital compacta. Madrid: Editorial MAPFRE, 1992, 425 p.

CARRERAS, Carles. Geografia Urbana de Barcelona. Espai mediterrani, temps europeu. Barcelona: Oikos-tau, 1993, 198p.

FERNÁNDEZ, Eva & ANDREU, Manel. "Interrogants i crítiques al Fòrum", in La Veu del Carrer, abril-maio 2004, p. 4.

HALL, Peter. Ciudades del mañana – Historia del urbanismo en el siglo XX. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, 494 p.

HARVEY, David. "Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio", in Espaço & Debates, Número 39, NERU, 1996, p. 48-64.

INDOVINA, Francesco. "Elogio de la crisis urbana", in Estudios Urbanos, Número 1, València, 1982, p. 19 – 59.

LEFEBVRE, Henri. La survie du capitalisme – la re-production des rapports de production – Paris: Éditions Anthropos, 1973, 225p.

_____. Espacio y Política – El Derecho a la Ciudad, II – Barcelona: Ediciones Península, 1976, 157 p.

_____. A Revolução Urbana – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, 178p.

MAPA D'ACCIÓ. De què va realment el Fòrum? - Barcelona, 2004.

MARX, Karl. Capítulo VI Inédito de O Capital – Resultados do Processo de Produção Imediata de Karl Marx – São Paulo, Editora Moraes, s.d, 169 p.

MORENO, Eduard & MONTALBÁN, Manuel Vázquez. Barcelona, cap on vas? - Barcelona: Llibres de l'Index, 1991, 164 p.

MONCLÚS, Francisco Javier. "El "Modelo Barcelona" ¿Una fórmula original? de la reconstrucción de los proyectos urbanos estratégicos (1979-2004)", in Perspectivas Urbanas - Estudios sobre urbanismo y procesos urbanos, n. 03, 2003, p. 27-41.

PLA, Joan. "El precio compraventa de viviendas en Barcelona (1972-1996)", in Verés, Ricard (ed). El precio de la vivienda y la formación del hogar. Barcelona: Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 1998, p. 33-46.

RAVENTÓS, Francesc. La col·laboració publicoprivada. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2000, 62 p.

RUPÉREZ, Miryam Navarro. "Odisea en el espacio-tempo de las culturas", in Delgado, Manuel. La otra cara del Fòrum de les cultures S. A. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2004. 186 p.

UNIÓ TEMPORAL D'ESCRIBES (UTE). Barcelona Marca Registrada. Un model per desarmar. Barcelona: Virus Editorial, 344 p.

Trabalho enviado em junho de 2004.

Trabalho aceito em setembro de 2004.

